

## **ALGUNS ASPECTOS DO PENSAMENTO DE MOUNIER**

### **SOME ASPECTS OF MOUNIER'S PHILOSOPHY**

Marcos T. R. Pinto (COFIL)  
Adelmo José da Silva – Orientador (DFIME)

**Resumo:** Emmanuel Mounier (França, 1905-1950). Sua filosofia se edifica como uma reação ao individualismo e ao coletivismo, que são, segundo o pensador, fatores que não promovem os reais elementos constitutivos do ser humano, levando-o à despersonalização e à perda do sentido de sua existência. Para Mounier, o individualismo, ao centrar o indivíduo sobre si mesmo, é contrário ao impulso normal da pessoa. É através da mediação dos outros, no diálogo ou na luta, que nós somos o que somos. Cada um só se torna pessoa a partir do momento em que direciona o seu ser ao outro, em uma atitude de disponibilidade ou de comunhão. Existir, para Mounier, é coexistir.

**Palavras-chaves:** Pessoa. Outro. Existir.

**Abstract:** Emmanuel Mounier (France, 1905-1950). His philosophy is defined as a reaction to the individualism and collectivism which are, according to the writer, factors that do not promote the real components of the human, delineating the loss of personality and sense of being. Pursuant to Mounier, the individualism promotes the focus on the person himself and, consequently, goes against the nature of human being. Undoubtedly, living in society, in dialogue or struggle, defines what we are. Each one becomes a person at the very last moment he shares his existence and experiences with others, in attitude of availability or communion. To exist, in conformity to Mounier, is coexist.

**Keywords:** Person. Other. Exists

## Introdução

A filosofia personalista de Mounier é o resultado de uma existência engajada e transformadora que teve a sua efervescência por meio da revista *Esprit* fundada por Mounier no ano de 1932 e que reclamava as exigências de uma nova civilização e, por isso, muitas vezes foi interdita pelos alemães. De fato, o papel de *Esprit* foi realmente desafiador e renovador, porém mesmo censurada no ano de 1940 a 1941, Mounier continuava a escrever suas obras.

Dentro da sua filosofia ele definiu estruturas tais como: a existência incorporada, a comunicação, a conversão íntima, o compromisso, a liberdade com condições e a eminente dignidade, porém inseriu no interior de cada estrutura um princípio de imprevisibilidade, pois deste modo, não corria o risco de se ter uma definição fechada da pessoa, pois esta não é objeto, tendo em vista que, estes são definidos. A pessoa é um projeto inacabado que tende para a sua plena realização.

O tema da pessoa humana na história da filosofia não está presente na filosofia antiga. Os gregos não davam importância ao individual, mas ao abstrato.

A filosofia cristã valoriza o indivíduo sendo cada ser humano um filho de Deus e o conceito de pessoa se desenvolve a partir das disputas teológicas sobre Deus.

No século XX desenvolveu-se a filosofia personalista, que tem Emmanuel Mounier um significativo representante.

No mesmo período Gabriel Marcel afirma que a pessoa humana não pode ser estudada com instrumentos da ciência, pois ela é um mistério que pode ser abordado não como um objeto, mas como um “tu”, através da interrogação, do diálogo e do amor.

Segundo o autor, a pessoa é inobjetivável, nada do que a exprime a esgota, nada do que a condiciona a escraviza. Não sendo um objeto visível, também não é resíduo interno, uma substância qualquer escondida por trás dos nossos comportamentos. A pessoa é uma atividade vivida de autocriação, de comunicação, de adesão em ato e a tal experiência ninguém pode ser condicionado ou constrangido.

A pessoa não é o mais maravilhoso objecto do mundo, objecto que conhecêssemos de fora, como todos os outros. É a única realidade que conhecemos e que, simultaneamente, construímos de dentro. Sempre presente, nunca se nos oferece (Mounier, 1964, p. 19).

Mounier diz que a ideia central do personalismo parte do estudo do mundo objetivo, demonstrando que o modo pessoal de existir é a mais alta forma de existência ou que toda a evolução da natureza anterior ao homem é centralizada no momento criador em que surge essa conclusão do universo. A existência pessoal é o modo específico do ser humano de existir e deve ser incessantemente conquistada. A consciência se liberta do mineral, do vegetal ou do animal, que em nós pesam, só muito lentamente.

Ele diz que o sentido da pessoa se manteve embrionário na Antiguidade, até o início do Cristianismo. A cidade e a família absorveram o homem antigo, que estava submetido a um destino cego. A escravatura não chocava nem os mais elevados pensadores da época. Os filósofos apenas se preocupavam com o pensamento impessoal e sua ordem imóvel que rege simultaneamente a natureza e as ideias. A aparição do singular se assemelha a uma sombra na natureza e nas consciências. Com o surgimento do Cristianismo, há uma ruptura com o pensamento vigente e se torna o propagador de uma visão decisiva de pessoa, radicalmente diferente do pensamento grego. Assim o indivíduo deixa de ser o cruzamento de várias participações

em mais gerais realidades (matéria, ideias . . .), para ser um todo indissociável.

Ele diz que acima das pessoas já não reina a tirania abstrata de um destino, de uma constelação de idéias ou de um pensamento impessoal, indiferentes a destinos individuais, mas um Deus que é Ele próprio pessoal, que propõe a cada pessoa uma relação única em intimidade, uma participação na sua divindade. O profundo movimento da existência humana não tende a assimilar-se à generalidade abstrata da natureza ou das ideias, mas a transformar o coração do próprio coração, para que nele se introduza e sobre o mundo irradie um Reino transfigurado. Mounier diz que a esse movimento o homem é livremente chamado. A liberdade é constitutiva da existência criada. O direito de pecar é essencial ao pleno uso da liberdade. A sua ausência alienaria o homem.

Para o autor, era muito nova e radical essa visão para produzir imediatamente todos os seus frutos. Na Idade Média houve resistência por parte das correntes sociais e ideológicas da Antiguidade grega. Vários séculos foram precisos para que houvesse a reabilitação do escravo à sua efetiva liberdade. A sociedade de então tinha o peso excessivo do trabalho e da fome. No entanto, pouco a pouco, a noção de pessoa começou a ser determinada através das controvérsias da Trindade e das controvérsias cristológicas, do século II ao século VI e mais ricamente harmonizada pela sensibilidade grega. Encontrou maior resistência por parte da corrente de pensamento de justiça romano, que, no entanto, lhe ia emprestando o rigor de suas fórmulas e cada grande pensamento lhe acrescentava algo novo.

Mounier diz que ao longo da história vários pensadores trabalharam a questão da pessoa sobre vários ângulos: Leibniz, Descartes, Kant, Hegel, Pascal, Kierkegaard, Malebranche, Rousseau, Goethe, Maine de Biran, Marx, dentre tantos. Gabriel Marcel e Jaspers, um cristão e o outro agnóstico, contribuíram fundamentalmente para a descrição das estruturas do universo pessoal. A revista *Esprit* dá continuidade às tentativas de promoção personalista. O

movimento de renovação existencialista e o movimento de renovação marxista exercem duas pressões laterais. O primeiro contribui pesadamente para renovar problemas personalistas: a liberdade, a interioridade, a comunicação, o sentido da história. O segundo incita todo um pensamento contemporâneo a libertar-se das mistificações idealistas, pregando a condição comum dos homens e liga os problemas das cidades modernas aos mais altos pensamentos filosóficos. Fora da França encontraremos algumas correntes que se reclamam do personalismo e outras, embora não o invoquem, dele estão próximas: Na Inglaterra, na Holanda, nos Estados Unidos, Suíça e nos países que se libertaram do fascismo, formam-se grupos de inspiração semelhante.

Mounier afirma que os modernos espiritualismos dividem o mundo e o homem. Duas substâncias independentes. Aceitam como fato consumado a independência das duas substâncias e deixam a matéria entregue às suas fatalidades próprias. No entanto reclamam o direito de legislar em absoluto no reino do espírito. A junção dos dois mundos é então inexplicável. Negam, em outras vezes, qualquer realidade ao mundo material, que consideram simples aparência do espírito, assumindo assim qualidade de paradoxo. Porém, desde o início esse esquema é desfeito pelo realismo personalista.

Para Mounier o homem é corpo assim como é também espírito, integralmente corpo e integralmente espírito. É capaz de passar dos mais primitivos instintos: comer, reproduzir, para as artes mais sutis: a culinária, a arte de amar.

O autor diz que o pensamento cristão tem como centro a indissolúvel união da alma e do corpo. Nunca opôs espírito a corpo ou a matéria, na significação moderna do termo. Afirma que a teologia medieval considerava que só poderíamos ascender às mais altas realidades espirituais e até Deus, através da matéria e do peso que sobre ela exercemos e o cristão que fala com desprezo do corpo e da matéria está indo contra a sua mais central tradição. Foi o desprezo grego pela matéria que se transmitiu de século em

século até os nossos dias, cobrindo de falsas justificações cristãs. É imperativo acabar com esse pernicioso dualismo. “O homem é um ser natural; através do seu corpo faz parte da natureza, e o seu corpo segue-o por toda parte. Saibamos tirar daqui as consequências” (Mounier, 1964, p. 41).

O autor diz que a natureza não contribui em nada para o mal do homem: “a encarnação é uma queda” (Mounier, 1964, p. 41). Ele afirma que por ser uma situação do impessoal e do objetivo é constantemente ocasião de alienação e a miséria, assim como a abundância, nos esmaga. O homem está cercado pelas duas situações. Por isso o marxismo pensa bem quando afirma que o fim da miséria material é o fim de uma alienação e etapa necessária para o desenvolvimento da humanidade. Se quisermos ter uma noção da humanidade, precisamos de captá-la no seu vivo exercício e na atividade global. O autor cita experiências de Pavlov em laboratório e diz que seus resultados têm aspectos mecanicistas porque o sujeito se encontra lá colocado em condições mecânicas.

O homem escapa-lhe: O homem é um ser natural humano<sup>1</sup>. E, exactamente, o homem singulariza-se por uma dupla capacidade de romper com a natureza. Só ele conhece esse universo que o absorve e só ele o pode transformar, ele, o menos armado e o menos poderoso dos grandes animais. E o que é infinitamente mais, é capaz de amar” (Mounier, 1964, p. 43).

O autor comenta que o homem não é encerrado no seu destino pelo determinismo. Enquanto se desconheciam as leis da aerodinâmica, sonhava-se em voar. Bastou ter necessidade para que os homens conseguissem voar. Aqueles que invocam fatalidades naturais para negarem as possibilidades do homem, abandonam-se a um mito ou tenta justificar um fracasso.

Mounier afirma que a ascensão da pessoa criadora pode ser vista no decorrer da história da humanidade e ela

---

<sup>1</sup> MARX: *Économie politique et philosophie*. Paris Ed. Coste, 1957 p.78.

aparece entre duas tendências de sentido contrário: a primeira é uma tendência para a despersonalização que atinge a própria vida, abate os seus impulsos, desdobra-o em espécies de exemplares indefinidamente repetidos, esconde a audácia vital. Acaba por aniquilar a vida social e a vida do espírito através do relaxamento do hábito, da rotina, das idéias gerais e da tagarelice de todos dos dias. A outra é um movimento de personalização, que começa com o homem e que já vem anunciada ao longo da história do universo<sup>2</sup>. O nosso comportamento é maciçamente dominado pela nossa situação biológica e econômica. Mas o universo pessoal não existe ainda senão em ilhas individuais e coletivas, como promessa de realizações e as progressivas conquistas é a história do homem.

Quanto às soluções biológicas ou econômicas de problemas humanos, Mounier diz que, por mais perto que estejam de nossas necessidades elementares, é incompleta e frágil, se não forem tomadas em conta as mais profundas dimensões do homem.

Até nas formas mais elementares da minha existência me afirmo como pessoa, e, nunca sendo factor de despersonalização, muito pelo contrário, a minha existência incarnada é factor essencial da minha situação pessoal. (. . .) Efectivamente, as duas experiências não são separáveis: *existir subjectivamente*, *existir corporalmente* são uma única e mesma experiência<sup>3</sup>. Não posso pensar sem ser, nem ser sem o meu corpo (. . .)” (MOUNIER, 1964, p. 50-1).

O autor comenta que a pessoa não se contenta com sofrer a ação da natureza, de onde veio, ou com mover-se conforme suas provocações. Volta-se para ela para transformá-la e passo a passo lhe impor a soberania de um universo pessoal. A exploração da natureza tem por fim, abrir,

---

<sup>2</sup> LIGNEUL, André. Teilhard e o personalismo. Petrópolis: Vozes, 1968.

<sup>3</sup> Tema essencial das obras de Gabriel Marcel e Maine de Biran. Ver, também, G. Madinier: *Conscience et mouvement*

perante a liberdade criadora de um número crescente de homens, as mais altas possibilidades de humanização e é a força da afirmação pessoal que destrói os obstáculos e rasga novos caminhos. É por isso que devemos negar a natureza como dado, para afirmá-la como obra, como obra pessoal, suporte de toda a personalização.

Ele fala que as relações entre a pessoa e a natureza não são relações de pura exteriorização, mas relações dialéticas de permuta e ascensão. Desde que o homem surgiu no planeta começa a desaparecer uma natureza pura para dar lugar a uma natureza que se começa a humanizar. Começamos agora a desvendar os segredos da matéria, da vida, do mundo psíquico. A produção deve se tornar uma atividade libertadora, desde que satisfaça a todas as exigências da pessoa. Garantida essa condição, podemos dizer que, onde houver prioridade do econômico, já haverá a prioridade do humano e a produção não tem valor senão quando visa seu mais alto fim: a instauração de um mundo de pessoas. Só o homem inventa instrumentos e é capaz de os unir em um sistema de máquinas em prol da coletividade.

A era da técnica fará correr os maiores perigos ao movimento de personalização, tal como o brusco crescimento do seu corpo põe em perigo o equilíbrio do adolescente. Mas não está sob o signo de nenhuma maldição especial. Em vez de ser um erro funesto destes recantos da Europa, é antes, talvez, o meio que permitirá que, um dia, o homem invada o universo, desenvolva aí o seu reino, e mesmo, deixando ir mais longe a imaginação, deixe de ser um paradoxo perdido no espaço<sup>4</sup> (MOUNIER, 1964, p. 56).

Ele afirma que a matéria é rebelde e não somente passiva, ofensiva e não somente inerte. Em toda parte aonde a pessoa leva a sua luz, a natureza insinua as suas sombras.

---

<sup>4</sup> A cerca destes problemas, ver E. Mounier: *La Petite Peur Du XX siècle* (Ed. Du Seuil, 1948).

Sempre que a liberdade tenta decolar com seus projetos, a natureza prende-a com mil braços. Invasa pelo universo pessoal, a natureza ameaça, constantemente, investir contra ele também. A perfeição do universo pessoal encarnado não é a perfeição de uma ordem, como pretendem todas as filosofias e todas as políticas que pensam que o homem poderá um dia submeter totalmente o mundo. É perfeição de uma liberdade que combate e que combate duramente. Por isso persiste até mesmo nas suas derrotas.

Entre o otimismo impaciente da ilusão liberal ou revolucionária e o pessimismo impaciente dos fascismos, o caminho próprio do homem está nesse otimismo trágico onde encontra a sua justa medida num clima de grandeza e de luta” (MOUNIER, 1964, p. 58).

O autor diz que seríamos joguete em pleno universo se não tivéssemos liberdade. A liberdade é afirmação da pessoa. Liberdade de nada ser, de nada desejar, de nada fazer, de nada criar, produzir. A liberdade não se ganha contra os determinismos naturais, conquista-se por cima deles, porém, com eles. É a pessoa que se faz livre, depois de escolhido ser livre. Em parte nenhuma encontrará a liberdade dada e constituída. Nada no mundo lhe garantirá que ela é livre se não entrar ousadamente na experiência da liberdade.

Segundo Mounier liberdade não está ligada ao ser humano como uma condenação, como diz Sartre, mas é proposta como dom. Pode aceitá-la ou recusá-la. A liberdade da pessoa cria à sua volta liberdade, como uma leveza contagiosa, assim como inversamente, alienação gera alienação. No entanto a liberdade do homem é a liberdade de uma pessoa, assim constituída e situada em si própria, no mundo e perante os valores. Na maioria dos casos ela é estritamente condicionada e limitada por nossa situação concreta. Ser livre é primeiramente aceitar essa condição, para dela partir. Mas nem tudo é possível em todos os

momentos. Quando esses limites não são estreitos, são uma força. A liberdade só progride diante de obstáculos, oposições e sacrifícios. As liberdades de ontem são sempre abaladas pelas liberdades do amanhã. As da nobreza foram abaladas pelas da burguesia e as liberdades da burguesia foram abaladas pelas liberdades populares. Assim também a liberdade de todos pode comprometer a liberdade de alguns. “É assim que as mais belas Declarações de Direitos podem cobrir, com a sua própria generalidade, simplesmente, como escrevia Marx, a liberdade *do homem egoísta, do homem separado do homem e da comunidade*” (MOUNIER, 1964, p. 116).

Ele afirma que nossa liberdade é liberdade de pessoas situadas. É liberdade de pessoas valorizadas. “Não sou livre apenas porque exerço minha espontaneidade, torno-me livre se der a essa espontaneidade o sentido duma libertação, ou seja, duma personalização do mundo e de mim próprio. (. . .) A minha liberdade não é somente manifestação espontânea, mas antes dirigida, ou, ainda melhor, invocada” (MOUNIER, 1964, p. 119). O movimento de liberdade é também repouso, disponibilidade, permeabilidade. Não é apenas ruptura e conquista, é também adesão. O homem livre é um homem que o mundo interroga e que responde. Ele é um homem responsável. Assim entendida, a liberdade, não isola, une, não permite a desordem, mas é, religião, devoção. Não é o ser da pessoa, mas o modo como a pessoa é tudo o que é, mais plenamente do que por necessidade.

## **A Comunidade das Pessoas**

Para Mounier, a experiência fundamental da pessoa é a comunidade com as outras pessoas. É o contrário do individualismo, que é uma atitude que centra o indivíduo sobre si mesmo. O individualismo é contrário ao impulso normal da pessoa. Voltando-nos sobre nós mesmos descobrimos a presença atuante dos outros. É através da mediação dos outros, no diálogo ou na luta, que nós somos o que somos. A

necessidade pessoal é o resultado de uma incessante interação com o meio. Apoiando-nos sem cessar nos outros, com os quais realizamos uma comunidade de existência, é que nos constituímos como seres originais. Nós nos inserimos em uma imensa teia de relações da qual não podemos fugir.

Assim, para Mounier, toda existência é *coexistência*. Viver com os outros não é somente uma necessidade, mas existem forças em nós, que fora dessa *coexistência*, permaneceriam sem utilização e conseqüentemente, nos frustrariam por não encontrarmos finalidade para seu impulso. A pessoa somente pode ser expondo-se. Fecharmos no nosso eu é nunca encontrarmos o caminho dos outros. Quando estranhamos os outros nos tornamos estranhos a nós mesmos. Por isso ser é amar. Somente possuímos aquilo que doamos. “O homem isolado não pensa mais e nem progride mais” (LIGNEUL, 1968, p. 28). Ele diz que isso significa sair de nós mesmos para compreendermos o ponto de vista do outro, assumir um destino comum, dar, ser fiel. Todos esses atos são comuns em uma vida comunitária.

Mounier critica ao longo de sua obra as concepções de individualismo e idealistas de pessoa e sociedade ou de Estado. Para ele o individualismo se apresenta como o inimigo número um do personalismo.

A metafísica do individualismo é a metafísica da solidão. Sua ética é a ética do bem-estar individual acima de tudo e a qualquer preço. Sua economia é a economia do lucro e do esbanjamento, ao contrário de uma economia voltada para a pessoa e a comunidade. A religião individualista é a religião que somente procura a própria salvação, estabelecendo uma separação radical entre a vida religiosa e a vida pública” (LORENZON, 1996, p. 73).

O autor fala que o excesso de individualismo egoísta leva o homem ao perigo de ser absorvido pela massa dos anônimos indiferentes. A pessoa é o indivíduo consciente de si próprio, dono de seus atos e capaz de se dar. É certo que

as pessoas nos manifestam primeiramente vinculadas a indivíduos. Mas a individualidade diminui na medida em que cresce a personalidade.

Mounier diz que a pessoa só cresce purificando-se sem cessar do indivíduo que nela existe. Ela está presente em si mesma no recolhimento. A pessoa hoje vive em ritmo de uma aldeia global. Os povos estão cada vez mais próximos e isso provoca uma organização econômica e técnica mais unificada. A organização intelectual avança cada vez mais traduzindo no aumento de ciência mundial. “A pessoa é inserida em uma rede planetária que a torna, ao mesmo tempo, solidária e responsável pela Totalidade. “A opinião de M. Heidegger parece acreditar na comunhão humana, quando afirma ser o homem um ser-com (*mitsein*), levando-nos desta forma a concluir em favor dum sentimento comunitário mais frequente” (LORENZON, 1996, p. 29).

Para Mounier a reabilitação da ideia e da prática comunitária está intimamente ligada à visão de pessoa. Pois o ser humano não é um ser solitário. Ao contrário, sua existência é coexistência. “Quase se poderia dizer que só existo na medida em que existo para os outros, ou numa frase-limite: ser é amar” (1964).

## Considerações Finais

O pensamento de Emmanuel Mounier é uma reação contra todo o mal lançado sobre a pessoa, a saber: o individualismo e o coletivismo. Segundo Mounier, fatores que não promovem os reais elementos constitutivos do ser humano, levando-o à despersonalização e à perda do sentido da sua existência.

O indivíduo só se torna pessoa a partir do momento em que direciona o seu ser ao outro em uma atitude de disponibilidade gerando a comunhão e a comunidade é o elemento que proporciona a vida pessoal.

O existir para ele é coexistir.

Mounier desenvolveu as teses de que a pessoa é uma existência incorporada, que transcende a natureza, que está aberta aos outros e ao mundo através da comunicação, que ela não pode ser substituída por ninguém e que ela busca até a morte uma contínua realização, além de ter a liberdade, entendida como proposta e dom.

A pessoa é inobjetivável, nada do que a exprime a esgota, nada do que a condiciona a escraviza. Não sendo um objeto visível, também não é resíduo interno, uma substância qualquer escondida por trás dos nossos comportamentos. A pessoa é uma atividade vivida de autocriação, de comunicação, de adesão em ato e a tal experiência ninguém pode ser condicionado ou constrangido.

A pessoa é uma alma encarnada em um corpo, sempre está em condições históricas precisas e sempre está voltada para a amplitude.

A pessoa não se contenta com sofrer a ação da natureza, de onde veio, ou com mover-se conforme suas provocações. Volta-se para ela para transformá-la e passo a passo lhe impor a soberania de um universo pessoal.

A exploração da natureza tem por fim, abrir, perante a liberdade criadora de um número crescente de homens, as mais altas possibilidades de humanização e é a força da afirmação pessoal que destrói os obstáculos e rasga novos caminhos. É por isso que devemos negar a natureza como dado, para afirmá-la como obra, como obra pessoal, suporte de toda a personalização.

O primeiro ato da pessoa deve ser a criação com os outros de uma sociedade de pessoas, em que as estruturas estejam marcadas pela sua natureza de pessoas.

A pessoa é uma existência capaz de se libertar de si própria, de se desapossar, de se descentrar para se tornar disponível aos outros. A ascese do despojamento é a ascese central da vida pessoal. Libertando a si próprio liberta-se o mundo e os homens.

Existir é dizer sim, é aceitar, é aderir, mas se for aceitando sempre, se não recusar, corre o risco de submergir.

Assim, existir pessoalmente é também saber dizer não, protestar, desligar-se.

Seríamos juguete em pleno universo se não tivéssemos liberdade. A liberdade é afirmação da pessoa.

A liberdade não se ganha contra os determinismos naturais, conquista-se por cima deles, porém, com eles.

É a pessoa que se faz livre, depois de escolhido ser livre. Em parte nenhuma encontrará a liberdade dada e constituída. Nada no mundo lhe garantirá que ela é livre se não entrar ousadamente na experiência da liberdade.

A experiência fundamental da pessoa é a comunidade com as outras pessoas. É o contrário do individualismo, que é uma atitude que centra o indivíduo sobre si mesmo. O individualismo é contrário ao impulso normal da pessoa.

Voltando-nos sobre nós mesmos descobrimos a presença atuante dos outros. É através da mediação dos outros, no diálogo ou na luta, que nós somos o que somos. A necessidade pessoal é o resultado de uma incessante interação com o meio.

A pessoa está comprometida, engajada na transformação do mundo. Condição de sua própria transformação. Ela é responsável.

O compromisso é tanto do homem que embarcou em um destino que não foi sua escolha quanto daquele homem que se engajou através de uma iniciativa própria e livre, o que é incomparavelmente superior.

A natureza se oferece para ser recriada pelas mãos do homem.

O homem que acredita na evolução, o homem que acredita no sentido da história, vê a grandeza de suas responsabilidades.

Assim o trabalho se torna uma tarefa de espiritualização da matéria e da pessoa.

**Referências bibliográficas**

ABBGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

BRUGGER, Walter. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: EPU, 1987.

BUBER, Martin. *Eu e Tu*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1977.

LIGNEUL, André. *Teilhard e o Personalismo*. Petrópolis: Vozes 1968.

LORENZON, Alino. *Atualidade do pensamento de Emmanuel Mounier*. 2. ed. Ijuí; Unijuí 1996.

MOIX, Candide. *O Pensamento de Emmanuel Mounier*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

MOSQUERA, Juan Jose Mourino. *Atualidade Psicológica e Relevâncias Humanas na obra de Emmanuel Mounier*. Porto Alegre: CDB, 1992.

MOUNIER, Emmanuel. *O personalismo*. 2 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1964.

\_\_\_\_\_. *Manifesto ao Serviço do Personalismo*. Lisboa: Moraes, 1967.

\_\_\_\_\_. *A Esperança dos Desesperados*: Malraux – Camur – Sartre- Bernamos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

\_\_\_\_\_. *Introdução aos Existencialismos*. Lisboa: Moraes, 1963.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *A antropologia personalista de Emmanuel Mounier*. São Paulo: Saraiva, 1974.